

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC II

João Paulo Macêdo de Oliveira

A MÉTAFORA DO OLHAR EM NICOLAU DE CUSA E A SUA
IMPORTÂNCIA

CAMPINA GRANDE- PB

2011

João Paulo Macedo de Oliveira

TÍTULO: A MÉTAFORA DO OLHAR EM NICOLAU DE CUSA E A SUA IMPORTÂNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

CAMPINA GRANDE-PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

O48m

Oliveira, João Paulo Macedo de.

A metáfora do olhar em Nicolau de Cusa e sua
importância [manuscrito]: /João Paulo Macedo de
Oliveira. – 2011.

17 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Maria Simone Marinho
Nogueira, Departamento de Filosofia”.

1. Pensamento Filosófico 2. Metáfora 3. Olhar
Absoluto 4. Experiência Mística I. Título.

21. ed. CDD 153.42



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - DFCS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
Av. Floriano Peixoto, 1461 - Alto Branco - CEP 58100-001
Campina Grande/PB Fone/fax: 083 3310 9712 - filosofia@uepb.edu.br

ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 04 dias do mês de outubro do ano de 2011 as 14:00 horas, na sala nº 01 do Curso de Filosofia no anexo II do Centro de Educação (CEDUC-II), com a presença dos professores participantes da Banca Examinadora abaixo discriminados, realizou-se a Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do aluno **JOÃO PAULO DE OLIVIERA** matrícula **07131163-7**, sob o título **A METÁFORA DO OLHAR EM NICOLAU DE CUSA E A SUA IMPORTÂNCIA**. Fizeram parte da Banca Examinadora a Prof.^a Dr.^a Maria Simone Marinho Nogueira (UEPB) como Orientadora, o Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães (UEPB), e o Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira (UEPB) os dois últimos na qualidade de Examinadores. A apresentação transcorreu em conformidade com a Resolução UEPB/CONSEPE/032/2009. O aluno utilizou o tempo estipulado para apresentar seu trabalho e a Banca Examinadora por sua vez argüiu em tempo hábil. Por fim, a Banca Examinadora reuniu-se e emitiu o parecer, atribuindo a nota **8,5 (oito e meio)** como média geral entre os Examinadores. A prof.^a Orientadora divulgou a nota agradecendo a presença de todos.

Campina Grande, 04 de Outubro de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Simone Marinho Nogueira

Prof. Dr.^a Maria Simone Marinho Nogueira (UEPB) – Orientador

Antonio Carlos de Melo Magalhães

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães (UEPB) – Examinador

Francisco Diniz de Andrade Meira

Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira (UEPB) – Examinador

A METÁFORA DO OLHAR EM NICOLAU DE CUSA E A SUA IMPORTÂNCIA

João Paulo Macêdo de Oliveira
Graduando em Filosofia/UEPB
Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira
Orientadora/UEPB

RESUMO

No livro *De visione dei*, escrito por Nicolau de Cusa, encontramos uma reflexão filosófica acerca do olhar através da imagem do “Ícone de Deus”. O ícone de Deus é uma representação artística de uma imagem do rosto de Cristo. É por meio dela que o ser humano pode encontrar respostas para as interrogações e os questionamentos sobre o caminho possível para o se chegar ao conhecimento de Deus. Por isso, Nicolau de Cusa conduz os seus leitores para vivenciar e experimentar o Olhar Absoluto e todos os frutos desse olhar que se revela por meio do amor divino e da misericórdia divina. Sendo assim, no *De visione dei*, que significa, em português, a visão de Deus, encontramos dois significados: o primeiro significado se revela na visão que Deus tem dos homens, sendo desta maneira um olhar objetivo; a segunda acepção significa a visão que os homens tem de Deus, tomando desta forma um sentido subjetivo. Esta reflexão traz uma valorização da Experiência Mística apresentada por Nicolau de Cusa, que é um convite a vivenciar a infinitude de Deus, o seu amor e a sua bondade. Sendo assim, este trabalho visa ressaltar a importância que o olhar assume para Nicolau de Cusa e também para a História da Filosofia.

Palavras- Chave: Metáfora. Olhar Absoluto. Experiência Mística.

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico surgiu de um interesse em pesquisar um importante filósofo da História do Pensamento, Nicolau de Cusa, um homem que buscou em sua vida refletir sobre vários temas filosóficos pertencentes às diferentes formas do filosofar. Assim, neste trabalho buscamos refletir e responder às indagações sobre qual maneira o ser humano pode conhecer Deus e de que modo se pode chegar a uma contemplação face a face. Todas estas indagações tem por base o *De visione dei*, escrito por Nicolau de Cusa, que coloca com um dos objetivos convidar o ser humano para mergulhar, por meio do olhar divino, na grandeza do seu próprio amor. Por isto, o *De visione dei*, que foi escrito em 1453, traz uma primeira reflexão já no seu título que significa a visão de Deus em dois sentidos: o primeiro é a visão de Deus sobre os homens e o segundo a visão dos homens sobre Deus. Sendo assim, encontramos um genitivo duplo ou um duplo genitivo que se revela através desta relação dialógica humano-divino.

Logo, neste trabalho iremos relatar e ressaltar a importância desta relação dialética entre o homem, que busca em Deus a sua existência, e Deus, que é absoluto e por ser absoluto abraça todos os seres que por ele foi criado, desejando que o ser humano esteja em comunhão com ele. É importante perceber que a experiência relatada no livro estudado permite que todos sejam abraçados e amados por Deus. É uma experiência religiosa, sobretudo, uma experiência mística. Sendo assim, encontramos nesta reflexão sobre o *De visione dei* um diálogo do ‘Olhar absoluto’ com o ‘Olhar contraído’ ou ‘Olhar humano’, uma relação do infinito com finito, do ilimitado com o limitado. Desta forma esta reflexão que este trabalho busca fazer é um resgate de uma das características do pensamento de Nicolau de Cusa: a Experiência Mística que se revela através da contemplação do divino pelo humano.

Sendo assim, encontramos no pensamento Cusano, que é apresentado neste trabalho, o conhecimento desta relação e experiência mística em que o homem se vê diante de duas forças necessárias para a sua existência que é o amor e a fé. Como nos relata o filósofo destaca-se, nesta relação dialógica, a questão do olhar. Portanto, este trabalho apresenta e ressalva a importância de Nicolau de Cusa para a História da Filosofia, pois muitas vezes encontramos a História do pensamento destacando apenas os filósofos tradicionais e esquecem grandes pensadores que viveram nos momentos de transição, como é o caso de Nicolau de Cusa. Ele viveu em um período marcado pela

passagem da Idade Média para o início do pensamento moderno, que foi chamado de Renascimento. Assim, Nicolau de Cusa situa-se em um momento histórico, marcado por revoluções na filosofia, na arte, no desenvolvimento de teorias científicas. Estes fatos históricos são importantes, pois marcaram a sociedade europeia, e por consequência influenciaram a vida e o pensamento de Nicolau de Cusa.

I. Abordagens Filosóficas sobre o olhar na História da Filosofia.

Entre os temas importantes do pensamento de Nicolau de Cusa, encontramos um destaque especial para o "Olhar Absoluto", sobretudo no *De visione dei*, livro que, dentre outros temas, nos revela uma Experiência Mística. Por isso, este livro vem nos mostrar algo fundamental deste autor e também importante para a História da Filosofia. Podemos perceber que Nicolau de Cusa traz, através de seu pensamento, algo que o coloca como um filósofo diferencial, pois ele, em sua filosofia, utiliza uma linguagem simbólica em que relaciona, muitas vezes, as questões filosóficas com as questões matemáticas como podemos ver, por exemplo, em *A douta ignorância*, onde ele demonstra a sua teoria do conhecimento. Desse modo, Nicolau de Cusa se revela como um filósofo diferencial e especial para a construção de um pensamento simbólico.

No entanto, é importante ressaltar que a questão do olhar absoluto sempre foi tema de especulação filosófica, e alguns filósofos buscaram refletir sobre este, valorizando-o e colocando-o em um lugar de destaque nas suas reflexões. Deste modo, antes de abordarmos o tema do olhar em Nicolau de Cusa, vejamos, de uma maneira geral, esta reflexão ao longo da história da filosofia.

Podemos dizer que tal tema foi inaugurado com Platão, sobretudo em seu escrito o *Timeu*, cujos fragmentos chegaram à Idade Média através da tradução de Calcídio. Segundo Platão “os primeiros órgãos que eles (deuses) fabricaram foram os olhos portadores da luz”¹. Desta forma, Platão nos mostra que o ‘olhar’ provém dos deuses e possui algo divino, tendo como função perceber e gerar a luz que, em Platão, estaria no plano do inteligível, sendo, portanto, algo superior, ou seja, aquilo que está além do

¹ Platão, *Timeu*, 45b *apud* NOGUEIRA, 2003, p.

sensível e que revela a luz que é o conhecimento a partir do uso da razão. Outro diálogo que coloca o olhar como tema importante do pensamento platônico (considerado apócrifo por alguns estudiosos) é chamado de *Primeiro Alcibiades*. Numa dada passagem do texto, Sócrates dialoga com Alcibiades e pergunta que coisa haveremos de olhar para que vejamos a nós mesmos? Alcibiades responde que é o espelho, Sócrates afirma que é o olhar². Nesta reflexão de Platão, percebemos algo importante, principalmente naquilo que se refere e põe o olhar como algo, fruto da divindade, em que encontramos também aspectos que influenciaram o pensamento Cusano, sobretudo, na sua experiência mística. Platão, colocar o olhar através de uma relação do divino com o humano, pois o olhar divino ou o olhar absoluto se entrelaça com o humano, mostrando uma relação de amor entre ambos. Outro aspecto que podemos notar no pensamento de Platão, principalmente no ditame délfico do “conhece-te a ti mesmo”, é que esse é um pensamento que busca, através de uma ascese, encontrar a verdade, o (vôus), a inteligência o ‘sumo bem’.

Por outro lado, o filósofo grego, Aristóteles, em sua *Metafísica*, afirma que todos os homens, por natureza, desejam conhecer e que a prova disso é o prazer causado pelas sensações³. Com esta afirmação podemos perceber que Aristóteles coloca as sensações em um lugar de destaque, buscando como primeira sensação, a visão, pois é a partir dela que se compreende tudo o que se vê no horizonte, a partir do olhar sensível. Em seu pensamento encontramos uma valorização do olhar como importante fonte para captação do conhecimento que está posto na realidade. Em Aristóteles, a realidade é a própria natureza (*physis*). Também temos outro aspecto importante do pensamento de Aristóteles, que influenciou o pensamento Cusano, sobretudo porque em seu pensamento o olhar tem dois importantes aspectos: o divino e o humano. Encontramos também em Aristóteles um destaque deste tema do olhar, pondo esta reflexão como Pensamento do Pensamento. Por isso, um importante estudioso do pensamento de Nicolau de Cusa, Beierwaltes, num dos seus livros, *Cusanos Reflexión Metafísica y espiritualidad*, afirma que: “Lo que el pensamiento humano solo logra puntualmente, tenerse a si mismo como objeto em La reflexión, eso el esencial y necesario para El ser originário y primeiro: El dios se piensa a si mismo, él su próprio pensamiento *pensamiento del pensamiento*”⁴. Desta forma, Beierwaltes coloca que, em Aristóteles, Deus pensa a si mesmo como um

² Platão, Primeiro Alcibiades, 133a-c *apud* NOGUEIRA, 2003, p.

³ Aristóteles, Metafísica 980a 21-25 *apud* NOGUEIRA, 2003, p.

ser supremo, fonte de todo conhecimento e que faz uma autorreflexão. O pensamento humano tem como objeto de reflexão a si mesmo, na medida em que está unido ao ser primeiro e originário. Desse modo, Beierwaltes coloca que já em Aristóteles existe um princípio originário, que é acima de tudo fonte de toda sabedoria e do qual o pensamento humano depende como necessário e essencial.

Em Plotino, por sua vez, temos um destaque dado por ele para esta temática do olhar com o sentido de divino e belo sendo, assim, algo importante no seu pensamento que afirma: “havendo sido, pois, o vidente e o que ele via, não duas coisas, senão uma (não como quem vê, senão como quem se une), se este quer recordar aquela união conserva dela imagem em si”⁵. Por isso Plotino mostra o olhar como possuindo um sentido divino, revelando, neste tratado, que o olhar é importante, pois o olhar para ele está interligado, unindo o sujeito que vê com o objeto que é visto. Dessa forma, a sua reflexão e o seu pensamento revelam esta capacidade do olhar em buscar a compreensão do belo. Outro aspecto importante deste filósofo é a questão da unidade, como escreve Pereira, no Prefácio redigido para a tradução portuguesa do *De visione dei*: “Plotino pensa a unidade sem diferença, in-diferente”.⁶

No pensamento medieval temos Agostinho como aquele que já no século IV fez em seu pensamento filosófico reflexões sobre a questão do olhar humano e do olhar divino. O olhar humano recebe um sentido negativo, pois está associado ao pecado. O olhar humano ganha esta dimensão, este sentido, porque leva à tentação da ‘carne’. Por isso, podemos afirmar sobre o olhar, através de Agostinho: “tentação medonha, uma vez que usamos o termo olhar para designar outros sentidos e outras tentações”⁷. Nesta reflexão podemos perceber que Agostinho mostra o olhar como algo que leva ao pecado, à tentação, logo, através deste sentido, a pessoa estaria indo contra a vontade de Deus; sendo assim, se diferencia de Platão e Plotino, que colocam o olhar como algo divino.

⁵ Plotino, *Enéadas*, p.187 *apud* NOGUEIRA, 2003, p.

⁶ PEREIRA, 1988, p.47.

⁷ Agostinho, 1984, p. 289 *apud* NOGUEIRA, 2003, p.

II. O contexto do *De visione dei*

Diante de tanta importância dada ao olhar, na História da Filosofia, o livro *De visione dei*, como já dissemos, tem como símbolo central o olhar e suas implicações. Ele surge em um período marcado por discussões filosóficas, sobretudo, em relação às questões acerca da Teologia mística, que tinha como embate duas correntes diferentes sobre a interpretação da teologia mística de Pseudo-Dionísio. Por um lado, temos a teoria defendida por Gerson, que diz que é pelo intelecto que se pode ter um conhecimento de Deus; por outro lado temos Vicente de Aggsbach que diz que é pelo afeto que se pode ter um conhecimento de Deus⁸. Desta forma, essas discussões vão influenciar a troca de correspondência entre Gaspar Aindorffer (Abade beneditino, responsável pelo mosteiro de Tegernsee) e Nicolau de Cusa que envia para o mosteiro o livro (*De visione dei*) com uma imagem (quadro), para o exercício e experiência de todos os irmãos beneditinos de Tegernsee. Este é o contexto no qual estão inseridos os motivos que levaram Nicolau de Cusa a construir a reflexão mística que aparece no *De visione dei*.

É importante ressaltar que o filósofo alemão, busca através deste livro mostrar sua reflexão que está pautada em uma experiência interior, cuja ligação do vivencial ao conceptual, projeta o homem para uma mística especulativa, tendo como mediação o ícone de Deus. Sobre o título do referido livro, como já dissemos, encontramos um duplo genitivo, porque não dizer um duplo sentido, revelando-nos um significado que aponta para uma experiência mística, daí termos o olhar de Deus sobre os homens, como também o olhar dos homens sobre Deus. Assim, temos o olhar absoluto de Deus que abarca todos os seus filhos com amor, caridade e misericórdia, mostrando a sua presença absoluta na vida do ser humano, ao mesmo tempo em que encontramos um convite a uma experiência do olhar humano ou contraído, buscando compreender de forma finita a infinitude de Deus, através da contemplação divina. Por isso, Nicolau de Cusa nos chama a refletir e experimentar a contemplação do ‘Ícone Divino’, ou ‘Ícone de Deus’, que materialmente se mostra através de um quadro que tudo vê e, com o seu olhar, tem o poder de abarcar todas as coisas.

⁸ Cf. NOGUEIRA, 2006.

III. A experiência do olhar no *De visione dei*

No início deste livro, precisamente no Prefácio, temos um momento importante como ‘ponto de partida’ para reflexão Cusana, ou seja, ele nos faz um convite a uma experiência mística, por meio do Ícone de Deus representado pelo quadro. Assim nos diz Nicolau:

Pendurai-o num lugar qualquer, por exemplo na parede do lado norte, e colocai-vos, irmãos, à sua volta, à mesma distância dele, olhai-o e cada um de vós experienciará, seja qual for o lugar a partir do qual o contemple, que é o único a ser olhado por ele. Ao irmão que se encontra a oriente parecerá que aquele rosto olha na direcção de oriente, ao que se encontra a sul que ele olha na direcção sul e ao que se encontra a ocidente que ele olha na direcção de ocidente (NICOLAU DE CUSA, 1988, p.135-136).

Nicolau de Cusa nos convida, de forma sensível e concreta, a contemplar, ver e acompanhar o olhar do Ícone de Deus através do nosso olhar humano. Esta relação dos olhares nos revela uma experiência que vai do sensível, passando por uma experiência da razão, chegando ao ponto máximo da reflexão Cusana, que é a experiência do olhar através do intelecto e a superação desta fase, momento no qual o intelecto se mostra incapaz de conhecer e abarcar o conhecimento de Deus na sua plenitude. Portanto, temos aqui um processo do pensamento Cusano. Processo este que se inicia com uma experiência sensível e chega ao processo filosófico que Nicolau de Cusa definirá como ‘Coincidências dos opostos’, momento em que a pessoa através de sua experiência se encontra no ápice do conhecimento, chegando à conclusão da imensidão que é Deus e o seu conhecimento. Ainda prefácio, Nicolau ressalta e busca nos conduzir, pela mão, a uma experiência sensível através da contemplação do Ícone de Deus ou da figura do quadro que acima de tudo é a imagem de um homem que tudo vê e tudo abarca com o seu olhar. Por isto, nesta experiência da contemplação do Ícone de Deus, Nicolau aponta algumas características do encontro do olhar divino com o humano, através da imagem do Ícone de Deus.

É importante lembrar que Nicolau de Cusa era um homem religioso, logo, ele faz

no início do *De visione dei* uma espécie de oração em que pedia a Deus a intercessão do Espírito Santo, para que nestas reflexões sobre o olhar absoluto, Deus pudesse lhe dar as palavras mais dignas que mostrassem a beleza da presença de Deus na existência humana, além de dizer que conduzirá pela mão os monges beneditinos: “Conduzir-vos pela mão duma forma experienciável até a mais sagrada obscuridade” (NICOLAU DE CUSA,1988 p.133). Com esta afirmação, o filósofo alemão pede que Deus possa iluminar sua mente para a experiência que se propõe a vivenciar: o desejo de refletir sobre o conhecimento do divino, sobre sua bondade e sobre seu amor.

Assim, podemos notar que ele defende neste livro uma experiência do olhar humano que se entrelaça no olhar absoluto de Deus. No Olhar de Deus que tudo abarca e tudo vê, mostrando um Deus que ao olhar para o ser humano, ama e tem misericórdia. A experiência mística que o filósofo nos ensina, no *De visione dei*, é uma experiência afetiva e também filosófica. Afetiva no sentido em que Deus ama todos os seus filhos, através do seu olhar dirigido para suas criaturas, revelando o seu amor por tudo aqui que criou. Os filhos, por meio de uma experiência com Deus, através da contemplação do seu olhar e da sua imagem, entram em comunhão com o criador. Por essa via filosófica, porque a reflexão nos faz pensar e raciocinar, elevando o pensamento até algo que é a imaginação, principalmente porque Nicolau de Cusa utiliza em sua reflexão o processo do olhar sensível ao momento mais abstrato possível, que é proporcionado pelo olhar intelectual. Por isso, no prefácio, temos a ‘porta de entrada’ para a reflexão Cusana sobre o olhar absoluto de Deus e a sua relação recíproca com o olhar humano ou contraído. Desta forma existe uma relação do olhar infinito com o finito, do absoluto com o limitado ou contraído, provando que esta relação é recíproca, humano-divino revelando que o olhar divino acompanha todos aqueles que buscarem vivenciar tal experiência.

É importante ressaltar que o olhar acompanha através do tempo e do espaço. Pois, Deus, com o seu olhar, alcança a cada um, como a todos com o seu amor e misericórdia. Por isto se diferencia do olhar contraído do ser humano que vê apenas aquilo que o seu olhar alcança, posto que é limitado e finito. Já o olhar de Deus vê acima de tudo, todas as coisas e seres que por Ele foram criados, ao mesmo tempo. Por isso, Deus é onipresente, ele pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Como podemos também perceber que o ser de Deus é ver. Desta forma, entendemos a presença de Deus como sendo semelhante ao seu próprio ver, ou seja, o seu ver e o seu ser são a mesma coisa.

Na reflexão deste importante livro, Nicolau de Cusa demonstra na sua teologia mística que se dá através da experiência mística, a partir da contemplação do ícone de Deus, levando esta experiência aos religiosos a quem o livro foi destinado, como também a todos aqueles que desejam experimentar a doçura do amor de Deus, através da contemplação da face ou do rosto de Jesus.

“Experienciar”, em Nicolau de Cusa, é acima de tudo ser capaz de colocar as seguintes questões: é possível conhecer Deus? De que modo? Pelo afeto ou pelo intelecto? É diante destes questionamentos que se situa a reflexão Cusana de como podemos conhecer Deus. Sendo assim o *De visione dei* mostra que podemos encontrar Deus primeiramente através de uma contemplação da imagem do rosto de Cristo, pela visão sensível. Após esta contemplação do olhar divino, Nicolau de Cusa aponta para uma afetividade do rosto, que não muda o olhar e fixa no olhar humano, revelando deste modo a infinita misericórdia de Deus, a sua ternura e o seu amor. Desta forma, o ser humano começa a ter um conhecimento de Deus.

Nesse momento o ser humano situa-se em uma ascensão da razão, pois desse modo o homem vê Deus como a ‘verdade absoluta’, ele através do poder e da sua providência divina dá ao ser humano a capacidade de acreditar, ou seja, ter fé. É nesse momento em que a espiritualidade e a teologia mística, revelam o ápice de sua reflexão, encontrando-se na escuridão onde podemos encontrar o significado de Deus.

Sobre este importante processo de ascensão da experiência mística, Nogueira comenta: “gradações da experiência, ou melhor, uma ascese que parte da experiência sensível (o olhar do quadro), passando pela experiência do afeto que aquele olhar me proporciona, até a experiência do desejo racional, que se impõe como necessário” (NOGUEIRA, 2006 p.87). Por isso, é importante perceber o caminho que Nicolau de Cusa traça para se chegar ao momento mais profundo do seu pensamento no *De visione dei*, que é o momento do Intelecto quando o humano ascende à mais profunda experiência com o divino.

Além disso, é importante destacar que os demais momentos, sensível, afetivo e racional, são fundamentais para se chegar ao conhecimento de Deus, pois quando o ser humano se coloca diante do ‘Ícone de Deus’, acolhe desta imagem sentimentos e sensações, do qual poderá extrair conceitos que defina o que representa Deus na sua vida. Após encontrar estes sentidos sobre Deus, entrará na imensidão do amor divino. Estando

o ser humano em suma reflexão e por consequência em uma profunda espiritualidade na qual definirá Deus como o ‘infinito do infinito’, a ‘sucessão sem sucessão’, sendo, por esta via que o humano descobrirá a dialética e o entrelaçamento do olhar divino no humano e o humano no divino.

Na reflexão do *De visione dei*, temos uma relação do olhar dividido (absoluto) que entrelaça com o olhar humano, neste íntimo contato, do divino-humano e do humano-divino, onde se pode notar que por meio de uma experiência pessoal, diante do quadro que representa o olhar de Deus, é possível vivenciar a grandeza de Deus, a graça do seu amor, a graça da sua paz. Deste modo, o convite do *De visione dei* é um ‘experenciar’ de forma contemplativa a presença de Deus que ao mesmo tempo cria e ama, pelo olhar. Com este pensamento Nicolau de Cusa deseja que os irmãos de Tegernsee tenham a possibilidade de experimentar o olhar Divino que os leve pela razão ao infinito amor de Deus. É por este motivo que Nicolau de Cusa entregará junto com o livro uma imagem do Ícone de Deus, pois este ‘Ícone’ será a porta de entrada para a experiência mística, que se aprofundará pela razão ao conhecimento de Deus. Para o homem, este reconhecer é um dos passos para chegar à profundidade desta reflexão, que culminará no silêncio.

A reflexão posta no *De visione dei* surge e mostra na relação do olhar divino-humano, alguns conceitos primordiais para o aprofundamento do tema e do objetivo proposto neste importante livro. Entre estes conceitos destacamos o Olhar Absoluto e o Olhar Contraído como síntese desta relação. O Olhar Absoluto tem como características um olhar que é ao mesmo tempo infinito e ilimitado, capaz de abarcar todas as coisas e todos os seres que compõem o universo. Desta forma, o olhar absoluto é acima de tudo Deus que cria e ama todas as criaturas que por ele foram criadas. Como diz Nicolau de Cusa sobre o olhar divino: “o olhar absoluto de que deriva todo o olhar daqueles que vêm supera toda a penetração, toda a rapidez e toda a força de todos aqueles que vêm em ato e de todos os que poderão chegar a ver” (Nicolau, 1988 p.138). Com esta afirmação o filósofo nos revela que é por meio do olhar divino que se origina e deriva todos os olhares, como também a potencialidade infinita que é a onipresença de Deus, ou seja, a capacidade de Deus está presente na vida do ser humano de forma invisível, mas acima de tudo como uma presença que revela a bondade de Deus para com os seus filhos. Por isso o Olhar Absoluto revela um olhar divino que ama e cuida da humanidade, sobretudo de cada um e de todos ao mesmo tempo como nos revela o próprio Nicolau de

Cusa: “Com efeito, jamais fecha os olhos, jamais os volta noutra direção, e ainda que eu me desvie de ti quando me volto completamente para outra coisa, tu, todavia, nem por isso desloca os olhos ou o olhar”(NICOLAU,1988 p.146).

Nessa reflexão, o filósofo afirma que se o olhar humano se volta para o olhar divino e absoluto, este olhar divino permanecerá fixado e penetrante no olhar humano. Por tanto, esta experiência mística que propõe Nicolau de Cusa mostra-nos uma experiência subjetiva e pessoal do ser humano para com este Deus misericordioso e amoroso através do ícone ou da figura representativa de Deus. Desta forma, o olhar absoluto compreende e abarca toda a finitude humana com a sua infinitude divina. Por este meio é que o olhar absoluto é um olhar que cria, origina sendo essência do olhar contraído, como nos aponta o próprio Nicolau de Cusa, quando afirma que o olhar absoluto é um olhar desvinculado.

Segundo o filósofo alemão: “o olhar desvinculado de qualquer contração abraça simultaneamente e de uma só vez todos e cada um dos modos de ver como se fosse a medida mais adequada e o modelo mais verdadeiro de todos os olhares”. (NICOLAU, 1988 p.140). Nesta afirmação o nosso filósofo colocará o olhar absoluto como fonte de toda perfeição, isento das contrações e das limitações que existe apenas no ser criado e por consequência no olhar humano. Deste modo, o olhar contraído não pode existir sem buscar a infinitude divina ou olhar absoluto, pois quando o olhar humano se volta para a grandeza do olhar de Deus que em si abarca toda a diversidade existente no olhar humano, o ser humano chega à plena felicidade que se encontra em Deus. Pois em Deus encontra-se toda perfeição e toda a sabedoria, onde o ser humano reconhece a sua própria essência, pois em Deus se encontra a essência de todos os seres.

No olhar absoluto ou na visão de Deus encontramos outro significado que é a ‘razão absoluta’ ou a ‘suprema simplicidade de Deus’, na qual toda a razão formal complica em si todas as razões. Segundo o pensador de Cusa: “a razão absoluta na qual toda a alteridade é unidade e toda a diversidade identidade, então a diversidade das razões que não é a própria identidade de acordo com a qual nós concebemos a diversidade, não pode existir em Deus” (NICOLAU, 1988 p141).

Deste modo, a razão absoluta é fonte de todas as razões, como também de todo conhecimento que o ser humano é capaz de compreender, por isso, Deus é a suprema simplicidade, pois o olhar divino é ápice de todo conhecimento, que se revela através de

sua ‘complicação’ e ‘explicação’.

É importante perceber que Nicolau de Cusa se utiliza de um método dialético, no qual o discurso do *De visione dei* aponta para uma relação entre o humano-divino e o divino-humano. Por meio desta via, o diálogo pretende refletir sobre a infinitude do amor divino e como este amor é apreendido pelo olhar humano, em seguida pela razão, depois pelo intelecto e por fim pelo olhar da fé. Sendo assim, o filósofo do Mosela coloca o olhar absoluto em destaque, do princípio do princípio, origem de todas coisas que o homem pelo conhecimento necessita entender para que entenda o princípio e origem da sua vida.

É importante ressaltar ainda as características do olhar contraído e como este olhar pode chegar há uma ascensão por meio da razão e da fé. O olhar contraído, em primeiro lugar, é definido por olhar humano, este olhar é limitado e finito, pois só consegue abarcar uma parte do horizonte que o cerca. Diferencia-se de uma pessoa para outra, de forma que existe nos olhares humanos uma variedade e diversidade de olhares, pois segundo o nosso pensador: “um olhar é mais penetrante do que outro e um distingue com dificuldade os objetos próximos, ao passo que outro distingue os mais distantes, um atinge o objeto lentamente, outro mais rapidamente” (NICOLAU, 1988 p.138).

Com estas palavras, o nosso filósofo pretende destacar as diferentes formas de visão ou de olhares que é característico do ser humano. Alguns destes olhares veem de forma mais profunda, alguns só conseguem ver os objetos próximos, outros tem uma visão que é mais rápida em captar o objeto, outros, mais lenta. Isso mostra o quão é diverso o olhar humano, como também nos revela o quanto o olhar humano necessita do olhar criador (absoluto) ou olhar divino. Toda esta diversidade encontrada no olhar humano (contraído) se aprofunda na medida em que encontramos outras reflexões que estão no escrito do *De visione dei*, como podemos ler na seguinte passagem:

Quando abro um livro para o ler, vejo , de modo confuso, toda a página. E se quero distinguir cada uma das letras, sílabas e palavras, é necessário voltar-me singular e seriadamente para necessário para cada uma delas, não podendo ler senão sucessivamente uma letra depois da outra, uma palavra depois da outra, e um passo depois do outro passo (NICOLAU,1988 p.160).

Com estas palavras Nicolau de Cusa nos convida a perceber que Deus contém em

si o poder de ler todas as sílabas, palavras e livros simultaneamente, pois ele tem o conhecimento de tudo, pois o seu ler é seu ver, sobretudo porque o seu ver é atemporal, não se limita ao tempo, vê tudo ao mesmo tempo. Por outro lado, o ser humano possui um olhar limitado que apreende as coisas e palavras uma por uma, pois o seu olhar é temporal. Há neste olhar uma sucessão, pois o ser humano necessita ler parte por parte para poder compreender o todo, mesmo assim não abarca o todo porque o seu conhecimento é limitado e contraído. Desta maneira, encontramos no olhar humano uma necessidade de estar ligado ao olhar divino que é fonte de todo o olhar contraído.

Neste processo de ascensão do conhecimento de Deus que se revela através da relação dos olhares divino-humano, podemos notar que o conhecimento de Deus se mostra e se revela por meio do seu amor, que é o nexo por onde perpassa o seu pensamento e onde está alicerçada a relação dialógica do olhar absoluto com o olhar contraído. O amor é o ponto máximo dessa reflexão proposta por Nicolau de Cusa que descreve, em sua obra *De visione dei*, uma experiência de graça e de amor.

É nessa atitude de narrar uma relação do amor de Deus para com o homem que encontramos na Trindade a união de amor e perfeição, na qual o ser humano encontra os fundamentos de sua fé e fonte que fortalece a sua caminhada existencial. Tendo Deus como amante e o Espírito Santo como nexo deste amor, o ser humano é chamado a vivenciar o amor divino por meio desta profunda espiritualidade da sua fé.

Deste modo, a reflexão Cusana revela uma intimidade do humano com o divino, sendo este o ponto máximo do seu pensamento que se mostra num possível conhecimento que o humano pode ter de Deus, onde o humano se admira com a beleza que é o olhar de Deus. O olhar divino tem como responsabilidade e finalidade ser a essência de todos os olhares, uma essência que acima de tudo é criadora e responsável pela criação. Quer dizer, o olhar divino, ao abarcar o olhar contraído, dá sentido para a sua existência, pois o ver de Deus é ser e, na medida em que se revela, mostra também a sua grandeza, o seu amor e a sua misericórdia para com seus filhos e filhas.

Por isso, toda esta relação que Nicolau de Cusa buscou refletir traz uma questão essencial de sua filosofia: que o existir humano depende da busca de Deus e do conhecimento que esta busca proporciona. Com certeza esta busca levará a pessoa humana a uma espiritualidade profunda com Deus. Desta forma, temos com esta espiritualidade mística uma relação de amor de Deus para com o homem, fazendo com

que sinta a presença amorosa do ser amante que é Deus, como nos diz quando fala sobre o amor paterno de Deus: “o amor paterno compreende todos e cada um dos seus filhos. Assim, o pai ama todos e cada um, pelo fato de ser tanto o pai de todos como de cada um. E ama qualquer um dos filhos de modo tal que qualquer deles pensa ser preferido entre todos” (NICOLAU,1988 p.159). Com esta afirmação podemos destacar que Deus é um pai universal e singular, pois na medida em que buscamos Deus através de uma experiência de fé, temos uma experiência pessoal e singular, ao mesmo tempo em que sabemos que Deus é pai de todos, por isso é um pai universal fonte e origem de vida de todos os viventes.

A experiência de Deus vivenciada através da observação do quadro do rosto divino representa uma relação causal, pois quando o ser humano busca vivenciar a contemplação do olhar divino, este receberá de Deus a possibilidade de se tornar amado e valorizado por ele. Desta forma, este mesmo olhar não olha as dificuldades e as limitações do ser humano. Por isso, ele relata sobre os efeitos que causa o olhar divino sobre olhar humano:

Quando todo o meu esforço não está voltado senão para ti, porque todo o teu esforço está voltado para mim, quando olho só para ti com a máxima atenção e jamais desvio os olhos da mente porque tu me abraças com uma visão contínua, quando volto o meu amor só para ti, porque tu, que és caridade, estás voltado só para mim (NICOLAU, 1988 p.144).

Deste modo, percebemos que a maior causa encontrada neste é fixar-se no olhar divino que é a revelação da graça atuante de Deus para com seus filhos, ou seja, o amor próprio de Deus que é doado a humanidade como uma ‘caridade’ divina, o amor ‘ágape’ que significa amor próprio de Deus. Neste amor encontramos todo o desprendimento do sensível numa capacidade que transcende completamente todo benefício próprio. É deste amor que o ser humano necessita e carece em sua vida, o amor que supera as barreiras do olhar limitado, diverso e múltiplo, de um olhar finito que se apega as paixões do corpo e por muitas vezes esquece o verdadeiro sentido da sua vida, que é receber a ‘graça’ de Deus que consola e revela a sua grandeza que é o seu próprio amor.

Sendo assim, a experiência mística proposta por Nicolau de Cusa está pautada na experiência de buscar vivenciar o divino na existência humana, onde o ser humano

encontra o sentido da existência, pois o ver de Deus é ser, e quando contemplamos a face divina, encontramos o verdadeiro sentido para a nossa vida. O olhar é o canal que leva para uma experiência mental e intelectual, como nos diz Nicolau de Cusa sobre esta importante via do conhecimento humano: “Vejo, no entanto, não com olhos carnis, que olham para este teu ícone, mas com olhos mentais e intelectuais a verdade invisível da tua face que na sombra é aqui significada em contração” (NICOLAU, 1988 p.149).

Com estas palavras o autor nos coloca diante desse momento crucial, onde o ver é pensar e reflete sobre a infinitude do amor de Deus, que Nicolau de Cusa chama, num dado momento, de ‘escuridão’, quando o homem supera toda a ciência e todo o conceito e encontra-se na escuridão, no secreto, no oculto, na ‘beleza absoluta’. Assim nos fala o filósofo alemão: “a beleza absoluta, que é a forma que dá o ser a toda a forma bela” (NICOLAU,1988 p.152). Desta forma encontramos em Deus toda beleza da beleza e o ‘ser’ encontra a sua forma, que provêm da forma divina.

Assim, a reflexão da experiência mística apresentada no *De visione dei* destaca a relação entrelaçada entre Deus e o homem que, aos poucos, vivenciará a profundidade do divino e a beleza de Deus que se revela na existência. Pois Deus não usa de egoísmo, mas busca no coração humano o espaço necessário para a realização dos seus desígnios, do seu projeto para a humanidade, que é a ‘felicidade plena’ ou a ‘eternidade’. Este projeto para o ser humano é um chamado a “ser imagem e semelhança de Deus”. Com este convite que cada ser humano recebe do pai Criador para vivenciar o seu amor com toda a humanidade, temos a clareza do sonho de Deus, que é ver nos seus filhos a realização de um projeto divino que continua no reino celestial. Assim, encontramos na filosofia Cusana um pensamento que une duas perspectivas: teológica e filosófica, pois isto é característico do pensamento cristão, algo que foi incorporado pela maioria dos filósofos medievais.

Esta reflexão de Nicolau de Cusa nos mostra a importância da teologia mística, sobretudo acerca do olhar divino ou sobre a visão de Deus. Na perspectiva de um pensamento divino que abarca o humano, temos uma relação que dignifica a existência humana. Por isso é importante ressaltar que na reflexão do *De visione dei*, encontramos Deus como a plenitude e o fim de cada ser humano, como diria Cusa: “Sendo tu, Senhor, aquela força ou o princípio de que tudo depende e sendo a tua face aquela força e o princípio a partir do qual todas as faces são o que são”(NICOLAU, 1988 p.154). Deus é a

força que sustenta cada ser humano, buscando agradecer a humanidade com o seu amor e a sua bondade. Desta forma, encontramos na relação divino-humano, uma extensão do amor divino, realizando-se no humano, este, que através da busca incessante, encontra a paz e a felicidade, que se realiza em Deus. Em Deus, o humano é chamado para virtude absoluta e nele se encontram todas as virtudes, inclusive a virtude contraída.

Considerações Finais

Com esta pesquisa sobre a reflexão do Olhar em Nicolau de Cusa, encontramos um pensamento que, acima de tudo, traz uma reflexão sobre a visão de Deus e que esta visão do divino se revela como Deus vê o ser humano e como aquele também é observado por este, mostrando desta forma um entrelaçamento dos olhares. Esta é talvez uma das maiores riquezas que Nicolau de Cusa expõe no *De visione dei*: esta relação do absoluto com o contraído ou do divino com o humano. Nesse mistério observamos uma relação de dois pólos opostos e também o quanto necessita o humano do divino. Pois o humano encontra o sentido da sua existência na fonte de toda vida, na origem de todo pensamento, no mover-se de cada ser existente. Outro aspecto importante que se observa desta pesquisa é que Nicolau de Cusa mostra em seu pensamento um processo em que toda a experiência do olhar divino e a sua contemplação por parte do homem é revelada. Sobre essas etapas de ‘ascensão’ o ser humano, através do olhar sensível, contempla a imagem do ‘Ícone de Deus’. Por meio desta contemplação, receber, da imagem do rosto de Cristo, afeto, que lhe dá sentimento e razão, contribuindo para a conceituação da presença invisível de Deus e de sua importância na vida do homem. Após este processo, ele entra no ápice e na última capacidade humana de refletir sobre Deus. Etapa esta em que se encontra na escuridão da infinitude divina. Neste momento o ser humano se vê a si próprio, já que não conhece nada sobre Deus e sua potência (poder, sabedoria, bondade...).

Deste modo, o ser humano que experiencia todo este conhecimento possível, vê que nada sabe diante da infinitude do conhecimento contido em Deus. Neste momento, o ser humano, através do uso do intelecto, reconhece sua limitação diante do conhecimento

de Deus e se deixa abraçar pela ‘verdade da verdade’ a ‘Beleza Absoluta’. Por isto, ao pesquisar sobre a importância das relações do Olhar Absoluto que abarca o Olhar contraído, com seu amor a sua infinita misericórdia, encontramos uma relação que dignifica, transforma, realiza na vida do ser humano o projeto de Deus para os seus filhos e filhas. Projeto que consiste na busca incessante do ser humano em vivenciar e ser imagem e semelhança de Deus. Sendo assim, encontramos no *De visione dei* uma experiência que busca responder algo necessário para a vida e a existência humana, principalmente sobre o possível caminho do conhecimento de Deus. Este caminho é apresentado por meio do diálogo entre o humano – divino e perceptível através da Ícone do rosto de Cristo que leva ao observador os caminhos da profundidade espiritual e intelectual que Nicolau de Cusa nos diz ser a ‘verdade absoluta’.

Referências Bibliográficas:

NICOLAU DE CUSA. *A visão de deus*. Trad. J. M. André. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian, 1988.

ANDRÉ, João Maria. *Introdução à tradução de A visão de deus*. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian, 1988, p.79-130.

BEIERWALTES, Werner. “*Visio absoluta* o reflexión absoluta”. . Trad. Alberto Ciria. In: IDEM: Cusanus – Reflexión metafísica y espiritualidad. Navarra: EUNSA, 2005, p. 181-210.

BEIERWALTES, Werner. “*Visio facialis*: mirar a la cara. Sobre la coincidência em el Cusano de la mirada finita y la infinita”. . Trad. Alberto Ciria. In: IDEM: Cusanus – Reflexión metafísica y espiritualidad. Navarra: EUNSA, 2005, p. 211-254.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “La metáfora del mirar em Nicolás de Cusa”. In: *Anales del seminario de historia de la filosofía*. Madrid, v. 20, 2003, p. 69-78.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “O *De visione dei* como expressão da experiência religiosa em Nicolau de Cusa”. In: *Scintilla – Revista de filosofia e mística medieval*, Curitiba, v.1, n. 1, 2004, p. 83-106.

PEREIRA, Miguel Baptista. *Prefácio à tradução de A visão de deus*. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian, 1988, p. 1-68.

NICOLAU DE CUSA, *A douta ignorância*, Trad. J. M. André. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian, 1988, p. 1-44.